

As 9 principais coisas que Biden deve fazer sobre mudança climática

Por Letras Ambientais
segunda, 16 de novembro de 2020



Presidente eleito Joe Biden e vice Kamala Harris têm clima como prioridade. Foto: Divulgação.

Em janeiro deste ano, o *Bank for International Settlements* (BIS), conhecido como o banco dos bancos centrais, alertou sobre como a **mudança climática trará riscos à estabilidade do sistema financeiro global**, por provocar eventos de “[cisnes verdes](#)”. A ameaça está no fato de que um evento inesperado e raro, com impactos amplos ou

extremos, pode causar grandes choques, perturbando os mercados globais.

Recentemente, um Relatório do *Federal Reserve System* (Fed), dos Estados Unidos, reconheceu a mudança climática como um risco de curto prazo, para o sistema financeiro. **A iminência de um [colapso climático](#) poderá causar interrupções na economia**, ampliando as vulnerabilidades do sistema financeiro e as chances de choques nos mercados.

Esta semana, os Estados Unidos e o Reino Unido, fortes potências da economia mundial, **tornaram dever para as empresas a divulgação dos seus riscos** relacionados à mudança climática.

A mudança climática é cada vez mais reconhecida como ameaça ao sistema econômico global e os **países que não prepararem seu sistema de normas e instituições**, para lidarem com esse desafio, poderão ficar de fora de importantes acordos internacionais.

Vale lembrar que no último domingo, dia 15 de novembro, **a China fechou o maior acordo de livre comércio do mundo**, com participação de 15 países da Ásia-Pacífico, que respondem por quase 30% do PIB global. Os Estados Unidos ficaram de fora da Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP, na sigla em inglês), prejudicando algumas empresas daquele país e outras multinacionais fora do bloco.

O presidente Donald Trump abandonou, no meio do caminho, as negociações para participar do Acordo Ásia-Pacífico. Vale lembrar que, no dia 05 de novembro, também entrou em vigor a **retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris**, pacto global pela redução das emissões e contenção da mudança climática.

>> **Leia também:** [As 9 medidas essenciais para a recuperação verde da economia](#)

Os Estados Unidos são o **segundo maior poluidor mundial**, em termos de emissões de gases de efeito estufa. Por isso, a agenda do presidente eleito, Joe Biden, está diante de enormes desafios na área sanitária, econômica e ambiental.

A Agência *Bloomberg Green* ouviu um grupo de especialistas do clima, que apresentaram 41 conselhos a Biden, sobre as primeiras **prioridades para lidar com a mudança climática**. Neste post, selecionamos os 9 melhores conselhos para o presidente eleito, bastante interessantes, que poderão inspirar uma futura retomada da política climática e ambiental no Brasil.

1) Retomar corrida contra o colapso climático



Na área de mudança climática, o presidente eleito, Joe Biden, assumiu o compromisso de retomar o Acordo de Paris, como um de seus primeiros atos. Ele **pretende investir cerca de US \$ 2 trilhões, para que o país recupere o atraso**, depois de ficar para trás, no cumprimento das metas climáticas. Essa agenda climática depende da aprovação do Congresso, mas há dezenas de medidas políticas, sobre clima e energia, que não precisam desse aval.

O Acordo de Paris é um compromisso firmado, há cinco anos, por líderes mundiais, para atingir as **metas de redução das emissões de gases de efeito estufa**. O pacto permite que as metas sejam revisadas, a cada poucos anos, com transparência, para avaliar o avanço das medidas nacionais, de contenção à mudança climática.

Os Estados Unidos foram o **primeiro país a renunciar ao Acordo climático de Paris**. Joe Biden foi projetado como presidente eleito na mesma semana em que ocorreu a saída oficial do país, do pacto global.

Mas desde 2017, Donald Trump já havia anunciado a intenção de se retirar do Acordo, o que só podia ocorrer três anos depois que o pacto entrou em vigor, em 4 de novembro de 2016. **Trump passou todo o seu mandato promovendo combustíveis fósseis**, revertendo as regulamentações ambientais e criticando a ciência do clima.

>> **Leia também:** [Recuperação verde da economia reduzirá fortemente mudanças climáticas](#)

Enquanto isso, países da Europa e da Ásia **continuam a intensificar seus compromissos climáticos**. A União Europeia e o Reino Unido pretendem reduzir 55% das emissões de gases de efeito estufa, abaixo dos níveis de 1990 até 2030, visando zerar as emissões líquidas, até 2050. A China também anunciou que se tornará neutra em carbono, até 2060.

Um dos compromissos de Joe Biden é tornar os Estados Unidos com emissões líquidas zero, até 2050. É o necessário para evitar os piores impactos da mudança do clima (**danos catastróficos à natureza**, à economia, à segurança e ao bem-estar da população).

2) Construir um padrão energético limpo



Os especialistas mostraram consenso sobre a necessidade de incentivos, sem precedentes, para se **construir um padrão energético limpo**, baseado em energias renováveis. O destaque é para a energia solar, uma fonte amplamente apoiada pela população dos Estados Unidos.

Os conselheiros reforçaram que Biden deve cumprir sua promessa de investir em empregos, negócios e tecnologia, para construir uma economia justa, equitativa e 100% limpa. **As energias renováveis são grandes geradoras de emprego**, o que é fundamental, depois do choque econômico provocado pela pandemia.

A transição energética começa com um intenso período de mobilização, no qual o governo deve incentivar as indústrias a desenvolverem ampla capacidade de produzir energia limpa. A gestão de Biden e Kamala Harris pode **remodelar o setor de energia dos Estados Unidos**, nos próximos anos, reduzindo a participação do setor de petróleo e gás, na geração de energia.

A modernização da infraestrutura de energia renovável também deverá **incluir um foco significativo na eficiência energética**. É importante garantir que toda a energia produzida seja usada da maneira mais eficiente possível.

A eletricidade limpa será fundamental para substituir o abastecimento de carros com petróleo, bem como de residências com gás fóssil. Os especialistas sugeriram que Biden deve colocar **incentivos para eletrificar totalmente os edifícios** e alimentá-los com energias renováveis.

Além de pôr fim aos subsídios para extração de combustíveis fósseis, como presidente, **Biden precisa acabar com a produção suja de gás**, além de promover um movimento para evitar os vazamentos de metano, já detectados por satélites.

Os especialistas destacaram também a importância dos oceanos para a geração de [energia eólica offshore](#). Segundo eles, essa é **uma grande oportunidade não aproveitada nos Estados Unidos**, apesar de 40% da sua população viver em áreas costeiras, onde há grande potencial para essa fonte energética, pela intensidade dos ventos.

A administração de Biden deve tornar a energia eólica offshore central para seu objetivo declarado de energia 100% limpa, até 2035. Os Estados Unidos estão atrasados no **aproveitamento da energia eólica offshore**, setor que poderá gerar, pelo menos, 80 mil empregos verdes.

De uma maneira geral, **o ponto crucial do plano de Biden será a eletrificação**. O compromisso em substituir os eletrodomésticos de combustível fóssil, usadas atualmente nas residências, por suas contrapartes elétricas, com políticas de apoio, poderia reduzir as emissões no país e criar até 25 milhões novos empregos.

Segundo especialistas, a política climática deve estar vinculada a **agendas mais amplas de justiça social, abordando a desigualdade** e, acima de tudo, a [recuperação verde](#) da economia.

A proposta de Biden de uma rede elétrica limpa, até 2035, nos Estados Unidos, interessa ao crescente mercado de **investidores interessados em ações e tecnologias verdes**. Eles buscam atender aos pilares globais de sustentabilidade ambiental, social e de governança (ESG), para o mundo corporativo.

A redução das emissões no país também pode atrair compradores, **preocupados com o clima na Europa**. Poderá ainda dar aos exportadores norte-americanos maior acesso a um grande mercado mundial, como é o caso da China, em uma eventual melhoria nas relações com os EUA.

3) Estabelecer um imposto realista sobre custo social do carbono



Outro consenso entre os especialistas é **estabelecer um imposto sobre o carbono**, garantia fundamental para o mercado ascendente de descarbonização. É uma forma de que todas as empresas paguem o preço por poluir o Planeta.

O custo social do carbono é o valor monetário cobrado pelos danos causados à sociedade, pela liberação de cada tonelada adicional de dióxido de carbono (CO₂). A estimativa **calcula os custos da mudança climática** e, portanto, os benefícios de cumprir as regras climáticas que restringem as emissões de CO₂.

O primeiro custo social do carbono foi estimado durante a gestão do presidente Barack Obama, para todos os governos dos Estados Unidos. Porém, Trump reverteu esse progresso. Assim, uma primeira medida para o governo Biden deveria ser encarregar um grupo interagencial de **estimar um novo custo social realista do preço carbono**, baseado na economia e na ciência climática.

4) Renovar a presença de cientistas no governo



Para evitar a politização da mudança climática, outra sugestão indicada para Biden é **retomar a presença dos cientistas**, na tomada de decisão do governo. Segundo os conselheiros, o simples passo de retornar à formulação de políticas, baseadas na ciência, seria um primeiro passo importante.

O presidente que será empossado em janeiro deverá reforçar a capacidade dos líderes das agências governamentais de tomar decisões, baseadas em fatos que protegem o país e a população. Os conselheiros defendem **que a investigação científica tenha autonomia e independência**, para orientar as políticas, estando livre de qualquer interferência política.

O presidente eleito também deve remover de posições de influência todos os funcionários de agências científicas, que têm **ocultado resultados de pesquisas científicas**, intimidado pesquisadores e deturpado os fatos.

Recomenda-se também a Biden nomear gestores para a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos que tenha **credibilidade com os cientistas e a sociedade civil**, para restabelecer as normas regulatórias de conservação do ambiente, destituídas por Trump, respeitando a ciência e a legislação.

5) Responsabilizar as instituições financeiras pelos riscos climáticos



Desde 2016, os **35 maiores bancos do mundo** minaram o Acordo de Paris, ao fornecer US \$ 2,7 trilhões para a indústria de combustíveis fósseis.

Uma das medidas indicadas pelos especialistas é estabelecer uma **divulgação obrigatória e consistente dos riscos climáticos**, do setor financeiro. Como já ressaltamos, os Estados Unidos já avançaram nesse sentido, esta semana.

A medida tomada pelo *Federal Reserve*, dos Estados Unidos, de responsabilizar as instituições financeiras pela mudança climática, é uma forma de **alavancar o poder do setor privado, para combater o maior desafio contemporâneo do Planeta**. A partir de agora, elas terão que informar com mais detalhes sobre seus negócios, com a indústria de combustíveis fósseis, e serão exigidos mais requisitos de capital para bancos com maior risco climático.

Essa é uma forma importante de **promover o desinvestimento dos combustíveis fósseis**, de modo que bancos, gestores de ativos e seguradoras se tornem atores

climáticos responsáveis, ao invés de motores da mudança climática.

6) Indústria naval é grande oportunidade para reduzir emissões



O **transporte público não será considerado seguro**, enquanto a pandemia da Covid-19 não for controlada. Com isso, a população tende a utilizar mais veículos particulares, aumentando as emissões.

Uma das medidas sugeridas a Biden é promover o transporte sustentável, **fundamental para alcançar as metas climáticas**. O principal foco é incentivar a indústria de carros limpos, movidos à eletricidade. É necessário também construir uma infraestrutura de carregadores para veículos elétricos.

Há também uma grande oportunidade de **reduzir as emissões com a indústria naval**. Se fosse um país, o setor seria o sexto maior emissor global. O presidente eleito Biden deve se comprometer com uma meta global de zerar as emissões de embarcações, até 2035. O governo deve incentivar os portos a fazerem a transição dos combustíveis fósseis, para redes de energia elétrica, que utilizam fontes de energia renováveis.

A gestão Biden e Harris também deve promover a adoção de combustíveis limpos nas embarcações. Muitos navios atualmente, **no comércio global, dependem de óleo combustível pesado**, considerado o combustível mais poluente e sujo. A tecnologia e os combustíveis limpos já existem, permitindo que a indústria naval faça essa mudança.

7) Construção de infraestruturas resilientes e de baixo carbono



Alguns especialistas destacaram que o governo Biden deve realizar investimentos públicos iniciais, **em infraestruturas resilientes (a eventos climáticos extremos)** e de baixo carbono.

Essas medidas serão importantes para atravessar o choque econômico, deixado pela pandemia. Contribuirão para estabilizar a economia, **impulsionar a geração de emprego**, ao mesmo tempo em que reduzirão os danos de longo prazo, da mudança climática.

É o caso da **construção de linhas de transmissão** para energia renovável, dutos para resíduos de CO₂, opções de aquecimento e refrigeração de baixo carbono, para

plano abrangente de transmissão de energia renovável.

Incentivos fiscais verdes, esforços de pesquisa focados em escalabilidade e comercialização, desenvolvimento de **tecnologias para armazenamento de energia**, por meio de baterias e hidrogênio, estão entre as medidas a serem adotadas.

Há também a possibilidade de **desenvolver a captura e sequestro de carbono**, novos refrigerantes, novos veículos e estratégias de combustível, bem como novos padrões de energia limpa. Tudo isso requer uma estratégia nacional coordenada, orientada à P&D, com foco no combate à mudança climática.

>> **Leia também:** [Secas extremas repetidas podem reduzir sequestro de carbono na Amazônia](#)

9) Restaurar a liderança internacional dos EUA na área climática

O governo Biden deve agir rapidamente, para colocar a mudança climática, no centro da agenda diplomática dos EUA. Segundo os especialistas, **restaurar o país à posição de líder climático global** também exigirá a renovação dos seus compromissos com os países mais vulneráveis.

>> **Leia também:** [Por que ainda duvidamos da mudança climática?](#)

O presidente eleito deverá solicitar financiamento ao Parlamento, para programas que ajudem os países em desenvolvimento, a **construir resiliência aos impactos do clima**, fazer a transição para energia renovável, conservar suas florestas e outros ecossistemas ricos em carbono.

Mas os conselheiros ressaltam: a liderança internacional dos EUA, no clima, só será retomada, se construída sobre um forte **compromisso nacional, com a descarbonização**. Isso pode ser feito mediante o corte das emissões de quatro superpoluentes: metano, carbono negro (fuligem), ozônio de baixa altitude e hidrofluorcarbonos (HFCs).

Considerando que a fuligem e o ozônio também são poluentes atmosféricos **prejudiciais à saúde pública**, o corte das suas emissões evitará a morte de 2,4 milhões de pessoas, todos os anos, devido à poluição do ar, em todo o mundo.

Se os EUA, sob a gestão de Biden e Kamala Harris, **liderar um esforço global, para cortar os superpoluentes**, a taxa de aquecimento, projetada para os próximos 20 anos, pode ser reduzida pela metade, como também a taxa de derretimento do gelo marinho, do Ártico.

O que você achou das recomendações dos experts? Que medida você acrescentaria para conter a mudança climática?

**Post atualizado em: 20.11.2020, às 10h29.*

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Instituto



Quem somos

O Letras Ambientais é uma instituição privada, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a defesa, preservação e conservação do meio ambiente.

Endereço para correspondência: Av. José Sampaio Luz, 1046, Sala 101 – Ponta Verde. Maceió (AL). CEP: 57035-260.

Fone: (82) 3023-3660 **E-mail:** contato@letrasambientais.org.br

ISSN: 2674-760X



